

Rumo a uma geografia literária¹

Michel Collot

Tradução de Ida Alves²

Recebido em 08 mai 2012. Aprovado em 15 de jul 2012

Resumo

Questionamento sobre pressupostos, implicações e métodos de uma geografia literária, demonstrando a produtividade desse campo de pesquisa. Relações interdisciplinares em torno da paisagem, descrição e discussão de seus principais trajetos teórico-críticos como a geocrítica e a geopoética. O espaço, na escrita literária, como expressão de valores e de significações de um imaginário, portador de um potencial considerável de invenção linguística e formal. O espaço, representações e percepções, como critério para uma mudança de paradigma científico.

Palavras-chave: *geografia literária; paisagem; interdisciplinaridade; geocrítica; geopoética.*

¹ Este artigo foi originalmente publicado em francês em *Le partage des disciplines, LHT, Dossier, publié le 16 mai 2011* publicado em 16/3/2011, em <http://www.fabula.org/lht/8/index.php?id=242>.

² NT: Agradecemos à Profa. Maria Elisabeth Chaves (UFF) e ao Prof. Bernard Seignoux (ex-Diretor da Alliance Française - Maison de France - RJ) a revisão da tradução.

Há cerca de vinte anos, um importante número de trabalhos tem sido consagrados ao estudo da inscrição da literatura no espaço e/ou à representação dos lugares nos textos literários. Tais estudos se unem ao interesse cada dia maior dos geógrafos pela literatura. Christine Baron³ já evocou os fundamentos teóricos de tal encontro e os problemas epistemológicos que essa visada levanta. Neste artigo, de minha parte, esboçarei o histórico de tal relação e insistirei sobre suas implicações metodológicas, questionando se hoje é possível conceber e praticar uma verdadeira *geografia literária*.

É claro que o interesse pelas relações que a literatura mantém com o entorno espacial não data de ontem. Sempre esteve mais ou menos presente na literatura comparada e no âmbito da história literária propriamente dita; mas só recentemente desenvolveu-se e autonomizou-se a ponto de suscitar novas teorias ou métodos, denominados como *geopoética* ou *geocrítica*. Questionarei, de início, as razões desse forte interesse recente, a respeito do qual evocarei algumas manifestações, antes de apresentar as diversas orientações de investigação que inspira e algumas reflexões sobre suas implicações respectivas.

Contexto

O fortalecimento de uma *geografia literária* é inseparável da evolução das ciências humanas e sociais, as quais se mostram há cerca de cinquenta anos cada vez mais atentas à inscrição dos fatos que tocam ao homem e a sociedade no espaço. Pode-se falar a esse propósito de uma «virada espacial» ou «virada geográfica». Marcel Gauchet, por exemplo, afirmava em 1996: «Testemunhamos uma virada *geográfica* que vem impregnando as ciências sociais. Ou seja, não um retorno inspirado de fora pela geografia existente, mas um retorno originado de dentro sob o efeito da crescente consciencialização da dimensão espacial dos fenômenos sociais.»⁴

Essa evolução ocorre em primeiro lugar no âmbito da própria História, que tende a se espacializar desde que a Escola dos Anais propôs alargar a escala da pesquisa histórica a longos períodos e a vastas extensões geográficas. Fernand Braudel chegou a propor o termo *geohistória* para batizar o estudo das relações que uma sociedade entretém com seu contexto geográfico ao longo do tempo⁵. A globalização não faz mais que reforçar a tomada de consciência sobre a solidariedade existente entre as sociedades humanas em vastas zonas de interação. As tentativas para constituir uma história mundial (*World History*, *Global History*) devem renunciar ao modelo de uma história linear e unitária em proveito de temporalidades múltiplas, paralelas, nos espaço-tempos, e levar em conta fatores geográficos. Reciprocamente, a *Nova História* ressitua as paisagens na evolução das mentalidade coletivas, como comprova, por exemplo, o estudo de Alain Corbin sobre o surgi-

³ Ver Christine Baron, «Littérature et géographie», in dir. Nathalie Kremer, *Le partage des disciplines, Fabula, revue LHT n° 8, avril 2011*.

⁴ Introdução ao dossier "Nouvelles géographies", *Le Débat*, n° 92, nov.-déc. 1996, p.42. «Nous assistons à un tournant 'géographique' diffus des sciences sociales. Entendons non pas un tournant inspiré du dehors par la géographie existante, mais un tournant né du dedans, sous l'effet de la prise en compte croissante de la dimension spatiale des phénomènes sociaux»

⁵ «Géohistoire: la société, l'espace, le temps», dans *Les Ambitions de l'Histoire*, Paris, De Fallois, *Le Livre de Poche références*, 1997, p. 114.

mento do «desejo da beira-mar» ou o ensaio de Simon Schama sobre as relações entre paisagem e memória⁶. Também a geografia integra cada vez mais a dimensão histórica, tornando-se geografia humana, econômica, social e cultural, mais que geografia física.

É, portanto, no contexto dessa mutação epistemológica generalizada que é necessário situar o interesse crescente pelas questões da *geografia literária*. As manifestações a respeito disso são múltiplas. Uma pesquisa recente sobre as teses defendidas ou catalogadas em França desde 1990 no domínio da literatura francesa ou francófona do século XX revelou que um número significativo de trabalhos se dedicam à perspectiva geográfica na produção literária ou sobre as representações do espaço nas obras estudadas⁷. Nos últimos anos, vários colóquios foram realizados sobre essas questões: entre eles, o «Territórios Sonhados» (Orléans, 2003), e o «A inspiração geográfica» (Angers, 2003)⁸. Por outro lado, vários programas de formação de pesquisadores se dedicam ao estudo do espaço na literatura. Centros e programas de pós-graduação estudam os espaços literários. Entre eles citamos os centros de pesquisa sobre a literatura de viagens (Université Paris 4), sobre os novos espaços literários (Paris 13), o núcleo «Espaços humanos e interações culturais» (Limoges) e ainda o grupo de pesquisa que coordena na Université Paris 3 com Julien Knebusch «Rumo a uma geografia literária»⁹. Diversos livros e numerosas revistas têm dirigido atenção particular à paisagem literária¹⁰. Ao mesmo tempo as pesquisas se multiplicam sobre um gênero como a narrativa de viagem, fenômeno que leva a reavaliar as relações entre literatura e geografia.

O perigo de tal interesse contagioso seria o de submeter o estudo literário a uma disciplina que lhe é estranha. Mas sabemos que, do seu lado, a geografia vem se tornando frequentemente cultural e se interessa cada vez mais pela literatura, como comprovam os estudos de Yves Lacoste et de Jean-Louis Tissier sobre Julien Gracq, ele mesmo geógrafo e escritor¹¹; a tese de Marc Brosseau sobre os «romances geográficos» e a de François Béguin, sobre «a construção dos horizontes»¹². Esse interesse se inscreve na corrente a favor de uma «geografia humanista», que se desenvolveu a partir dos anos 70 em reação à evolução de uma disciplina que, favorecida pelo aperfeiçoamento dos meios técnicos, matemáticos e informáticos postos à sua disposição, tendia a privilegiar uma análise objetiva e abstrata do espaço geográfico em detrimento de sua dimensão humana e sensível.

Vê-se assim uma significativa convergência entre as duas disciplinas: os geógrafos encontram na literatura a melhor expressão da relação concreta, afetiva e simbólica a unir o homem aos lugares, e os escritores se mostram, do seu lado, cada vez mais atentos ao espaço em que se desenvolve a escrita. Com essa perspectiva, não é menos necessário enfatizar a especificidade das obras literárias e de sua abordagem, se não se deseja transformar

⁶ Ver Alain Corbin, *L'Occident et le Désir de rivage*, Aubier, 1988; Simon Schama, *Le Paysage et la Mémoire*, Paris, Éditions du Seuil, 1999.

⁷ Ver meu «Petit discours sur les méthodes» dans *La Traversée des thèses*, Paris, Presses Sorbonne nouvelle, 2005, p. 41.

⁸ Ver *Territoires rêvés*, sous la direction d'Elena Zayas, Presses universitaires d'Orléans, 2004; *Le Génie du lieu. Des paysages en littérature*, sous la direction d'Arlette Bouloumié et d'Isabelle Trivisani-Moreau, Paris, Imago, 2005.

⁹ Para mais informações sobre esse grupo de pesquisa, ver sua página on line no endereço geographielitteraire.hypotheses.org.

¹⁰ Ver especialmente «Écrire le paysage», *Revue des Sciences humaines*, n°209, janvier-mars 1988; «Paysages » (I/II/III). *Compar(a)ison*, Bern, Berlin, Bruxelles, Frankfurt am Main, New York, Oxford, Wien, Peter Lang, 1999-2000; Michel Collot, *Paysage et Poésie*, Corti, 2005; Giuseppe Sangirardi (dir.), *Le Paysage dans la littérature italienne*, Éditions universitaires de Dijon, 2006; Aurélie Gendrat-Claudiel, *Le paysage, «fenêtre ouverte» sur le roman: le cas de l'Italie romantique*, Presses de l'université de Paris-Sorbonne, 2007.

¹¹ Ver Yves Lacoste, *Paysages politiques*, Paris, Le Livre de poche, Biblio Essais, 1990; Michel Chevalier (dir.), *La littérature dans tous ses espaces*, Paris, Éditions du CNRS, 1993.

¹² Marc Brosseau, *Des romans géographes*, Paris, L'Harmattan, 1996; François Béguin, *La construction des horizons: nature, lieux, paysages dans la littérature et la géographie*, Paris, EHESS, 1991.

a geografia literária em mero anexo da geografia cultural. Alguns geógrafos souberam integrar perfeitamente essa especificidade em sua abordagem da literatura. Assim, para Marc Brosseau, os romancistas contemporâneos não fornecem à geografia somente documentos preciosos, mas são, eles mesmos, ao seu modo, «geógrafos»; há um «pensamento espacial» do romance que propicia «um modo peculiar de fazer a geografia».

É exatamente para marcar essa especificidade que se criaram os termos *geocrítica* e *geopoética*, que correspondem a concepções e práticas sobre as quais me deterei mais adiante. Lembro que o termo *geopoética* foi criado na França por dois poetas, Michel Deguy et Kenneth White, para assinalar que a crítica não faz senão responder a um certo estado da própria criação literária que dá grande importância ao espaço e à inspiração geográfica. Isso não se refere somente à «literatura de viagem», que doravante tem seu «festival» anual¹³, mas ao conjunto de gêneros literários cujas fronteiras ficam difusas por essa espacialização: o teatro, que mantém há muito uma relação privilegiada com o espaço cênico; a poesia que se espraia no espaço da página, e o próprio romance, que tende a se tornar cada vez mais uma «narrativa do espaço»¹⁴.

Essa evolução de práticas e formas de escrita, sobre a qual falarei mais adiante, advogam a favor duma melhor integração da dimensão espacial nos estudos literários em três diferentes níveis, mas complementares na minha perspectiva: o de uma *geografia da literatura*, a qual estudaria o contexto espacial em que as obras são produzidas e se situaria sobre o plano geográfico, mas também no histórico, social e cultural; o de uma *geocrítica*, que estudaria as representações do espaço na própria constituição do texto e que se prenderia sobretudo ao plano do imaginário e da temática; o de uma *geopoética*, a qual estudaria as relações entre o espaço, as formas e os gêneros literários, e que poderia desembocar numa poética, numa teoria da criação literária. Abordarei sucessivamente essas três orientações de pesquisa e as ilustrarei com alguns exemplos, formulando certas proposições sobre o lugar que ocupam seus valores e suas respectivas significações.

Geografia da literatura

Antes de abordar as orientações e desafios atuais de uma geografia da literatura, é necessário lembrar brevemente a sua história. A ideia não é nova; pode-se situar seu início na teoria dos climas de Montesquieu, logo no ensaio de Madame de Staël, que opunha as literaturas do Norte às do Sul, e depois na teoria do determinismo (raça, meio e momento histórico) elaborada por Taine. Mas será necessário esperar, na França, o começo do século XX para o aparecimento da expressão «geografia literária» paralelamente à constituição da geografia moderna como disciplina universitária. Encontra-se essa expressão pela primeira vez, que eu

¹³ «Étonnants voyageurs» [Surpreendentes viajantes], organizado desde 1990 à Saint-Malo por Michel Le Bris.

¹⁴ Tomo emprestada essa expressão a Michel De Certeau («Récits d'espace», em *L'Invention du quotidien*, 1, Folio Essais, Gallimard, 1990, p. 170 sq).

¹⁵ P. de Beaurepaire-Fromont, "Esquisse d'une géographie littéraire de la France", em anexo à J. Charles-Brun, *Les Littératures provinciales*, Paris, Bloud et Cie, 1907 (p. 69-80).

saiba, em *L'Esquisse d'une géographie littéraire de la France / Esboço de uma geografia literária* anexada a um estudo sobre «Les Littératures provinciales / As Literaturas das Províncias»¹⁵. Nas primeiras décadas do século XX, a geografia literária tende a se confundir com o regionalismo, que então estava na moda; há ainda o caso dos trabalhos de Auguste Dupouy, lembrado especialmente pela autoria de uma *Géographie des lettres françaises*¹⁶, que se inscreve na linha do «Programa de estudos sobre a história provincial da vida literária na França» apresentada por Lanson¹⁷, em 1903.

Entre as duas Grandes Guerras, é Albert Tribaudet que propõe com mais insistência «considerar a literatura como uma paisagem», a tal ponto que sua história literária, segundo Antoine Compagnon, «assemelha-se mais a uma geografia e topografia do mundo literário francês que a uma cronologia em mão única»¹⁸. Mas seu uso recorrente do sintagma «geografia literária» e da palavra «paisagem» não passa do metafórico e quase não diz respeito à dimensão propriamente espacial da literatura: o termo designa uma tentativa de visada da história literária ou de um de seus momentos para destacar nele linhas de força do que hoje chamaríamos o campo literário.

Na França, o primeiro que tentou dar à geografia literária seus contornos e seus métodos é André Ferré, autor de uma tese sobre *La Géographie de Marcel Proust*¹⁹, e coeditor, com Pierre Clarac, da primeira edição de *La Recherche* na *Bibliothèque de la Pléiade*²⁰. Não é um acaso que seja um proustiano, já que *La Recherche* explora tanto o espaço quanto o tempo, posto que a memória está ligada aos lugares que são «as jazidas profundas de (nosso) solo mental»²¹. Num opúsculo intitulado *Géographie littéraire*, André Ferré lembrava uma evidência, ou seja, que a história literária sempre integrou uma componente geográfica.

Porque as obras não nascem somente no tempo, mas também nos lugares, os escritores viveram tanto no espaço quanto na duração; eles se repartem tanto entre países, províncias e terras como em séculos, gerações e em escolas [] Ao conjunto de datas no qual a história encontra seu contexto e seus pontos de referência, corresponde, na geografia literária, uma topologia que lhe é, aliás, estreitamente associada [] O espaço adere excessivamente ao tempo para que toda história, a literária e também as outras, não se acompanhe de constantes referências geográficas.²²

O primeiro objeto de uma geografia literária, como o da história literária, seria o estudo do contexto da produção literária. Sua hipótese comum é que esse contexto não é uma simples circunstância mas influencia as próprias obras: «A geografia literária se baseia nesse postulado bem geral segundo o qual existem necessariamente relações entre toda obra humana e o meio terrestre em que se localiza, e que mesmo em seus aspectos os mais

¹⁶ Paris, Armand Colin, 1942.

¹⁷ Recolhido nos *Études d'histoire littéraire*, Paris, Champion, 1930.

¹⁸ «s'apparente plus à une 'géographie et topographie du monde littéraire français' qu'à une chronologie à sens unique». Prefácio à reedição de *Réflexions sur la littérature de Thibaudet*, p. 21. A expressão colocada entre aspas é extraída de uma carta de Thibaudet a Fernand Vandérem.

¹⁹ Paris, Le Sagittaire, 1939 (abreviada mais adiante como GMP).

²⁰ Paris, Gallimard, 1954.

²¹ «les gisements profonds de (notre) sol mental» «Du côté de chez Swann» [No caminho de Swann], À la recherche du temps perdu [Em busca do tempo perdido], Bibliothèque de la Pléiade, t I, Paris, 1987, p. 182.

²² «Car les œuvres ne sont pas nées seulement en des temps, mais aussi en des lieux, les écrivains ont vécu dans l'espace comme dans la durée; ils se répartissent autant en pays, en provinces et en terroirs qu'en siècles, en générations et en écoles. [...] À l'appareil des dates dans lequel l'histoire littéraire trouve ses cadres et ses points de repères, répond pour la géographie littéraire une topologie qui y est d'ailleurs étroitement associée. [...] L'espace adhère trop au temps pour que toute histoire, la littéraire comme les autres, ne s'accompagne pas de constantes références géographiques.» *Géographie littéraire*, Paris, Éditions du Sagittaire, 1946 (abreviada a partir de agora como GL), p. 9-11.

espirituais e os mais inauditos, a atividade dos homens não pode deixar de exprimir relações dessa natureza.²³ (GL, p. 10)

A ideia de tal relação não é nova, e Ferré não erra ao lembrar alguns desses seus ilustres predecessores. Na epígrafe de seu livro, ele cita uma frase de La Bruyère: «Parece-me que dependemos dos lugares para o espírito, o humor, a paixão, o gosto e o sentimento.»²⁴ ; e evoca, entre outros, Michelet, o qual, em seu *Tableau de la France*, «pretende demonstrar que as características físicas de cada região de nosso país se refletem nas características dos grandes escritores representativos e de suas obras.»²⁵ » (GL, p.14). Porém critica o determinismo simplório que levou alguns a fazer da literatura «um produto do solo e do clima»²⁶ (GL, p. 33). Ele tende sobretudo, como a geografia moderna, a valorizar os fatores humanos, sociais, econômicos e culturais: o primeiro fator geográfico determinante para a produção de uma obra literária, em sua perspectiva, é o contexto linguístico e, mais largamente, cultural. É atento também às condições econômicas: há uma geografia da edição, da impressão, da livraria e da tradução.

No quadro de uma geografia submetida à história literária, essa ambiência não passa porém de ser apenas uma circunstância, ou, no melhor dos casos, um contexto. Permanece um extratexto que mantém com o texto uma relação de exterioridade, apreendida fora do texto, geralmente na biografia do escritor (especialmente). Os trabalhos de André Ferré se preocupam sobretudo em recensear os lugares em que um escritor viveu ou que conheceu e a compará-los com os que são evocados em sua obra. Os resultados desse censo são apresentados em «mapas biográficos» que são para a geografia literária o que as cronologias são para a história literária. Mesmo se André Ferré insiste sobre a distância entre os lugares da vida e os lugares da obra, a geografia literária não deixa de subordinar-se a uma geografia referencial, assim como a história literária tende a submeter a obra à vida. « Buscam-se na biografia os dados geográficos que a obra deixa transparecer, os que podem permitir a identificação e localização do sítio inspirador. [] Quase nenhuma obra literária deixa de refletir, ainda que indiretamente, as circunstâncias do lugar de existência do escritor» (GL, p. 24)²⁷.

Reencontramos aqui os limites próprios a toda teoria do reflexo. Uma geografia da literatura assim concebida bem mostra como uma obra se prende a um território, mas esquece de mostrar como ela o transforma para construir seu próprio espaço, que é o do imaginário e da escrita, que não se acha senão no texto, e que não se pode transferir para nenhum mapa do mundo conhecido. André Ferré bem o sabia, ele que, em sua tese, tinha tentado «indicar às diversas paisagens evocadas por Marcel Proust. Uma localização no mapa»²⁸ (GMP, p. 85), para no final reconhecer que a maior parte dos lugares de *La Recherche* «desafia(m) toda localização única e mais ou menos precisa»²⁹ (GMP, p. 102), por que «a

²³ «La géographie littéraire se fonde sur ce très général postulat: qu'il existe nécessairement des relations entre toute œuvre humaine et le milieu terrestre où elle se localise, et que même dans ses aspects les plus spirituels et les plus rares, l'activité des hommes ne peut pas ne pas exprimer des relations de cette nature»

²⁴ «Il me semble que l'on dépend des lieux pour l'esprit, l'humeur, la passion, le goût et le sentiment» La Bruyère, *Les Caractères*, IV, Du cœur, § 82, Paris, Le Livre de poche, 1995, p. 223

²⁵ «entreprend de démontrer que les caractères physiques de chaque région de notre pays se reflètent dans ceux de quelques grands écrivains représentatifs et de leurs œuvres.»

²⁶ «un produit du sol et du climat»

²⁷ «On cherche dans la biographie les données géographiques que laisse transparaître l'œuvre, celles qui peuvent permettre d'identifier et de localiser le site inspirateur. [...] Presque aucune œuvre littéraire ne manque de refléter, serait-ce tout indirectement, les circonstances de lieu de l'existence de l'écrivain»

²⁸ «assigner aux divers paysages évoqués par Marcel Proust un emplacement sur la carte»

²⁹ «défi(ent) toute localisation unique et trop précise»

geografia proustiana é uma geografia completamente psicológica, e até mesmo inteiramente subjetiva e impressionista»³⁰ (GMP 20).

Uma geografia verdadeiramente literária deveria integrar essa dimensão subjetiva e imaginária, difícil de cartografar, se não se apoia num «mapa mental». É o que tentou fazer Franco Moretti em seu *Atlas du roman européen*: ele defende uma «geografia da literatura» que associaria «o estudo do espaço na literatura» e o «da literatura no espaço»³¹. A primeira parte de sua obra tem por objeto a representação dos lugares nos romances europeus do século XIX; a segunda, o estudo dos lugares de difusão e de recepção dos grandes sucessos romanescos no mesmo período. As duas demonstram que a literatura está «unida ao lugar»³² (ARE, p. 11), mas engajando metodologias completamente diferentes; a segunda tem a ver sobretudo com a sociologia literária, uma vez que ela se fundamenta essencialmente sobre uma pesquisa de tipo estatístico enquanto a primeira se apoia sobre a análise e a leitura de textos e valoriza a crítica literária.

Ora, numa ou noutra, Moretti recorre ao mesmo instrumento: o mapa, presumindo visualizar de maneira eficaz tanto o itinerário parisiense de Lucien de Rubempré quanto a circulação dos livros na Europa; dessa maneira, os lugares da ficção romanesca são analisados em função de seus eventuais referentes geográficos. Essa técnica não dá conta da separação entre uma topografia objetiva e a topologia literária, e se ela pode explicar em parte representações realistas dos lugares, ela é pouco aplicável às geografias puramente imaginárias. A informatização permite melhorar ou depurar essa técnica, introduzindo no mapa possibilidades de variação e de zonas de indeterminação, como o faz o *Atlas Literário da Europa* empreendido pelos pesquisadores do Instituto de Cartografia de Zurique e das Universidades de Praga e de Göttingen³³. Mas isso me parece contestável porque relaciona a ficção com uma geografia referencial e minimiza a questão do imaginário nas representações literárias do espaço as quais dizem mais respeito, em minha perspectiva, à paisagem que ao mapa, e invocam outras abordagens dependentes da crítica e da poética. Os ensinamentos de uma geografia da literatura devem ser completados, mesmo contestados, por uma geocrítica e por uma geopoética.

Geocrítica

Proponho chamar de *geocrítica* a análise das representações literárias do espaço tal como pode ser feita a partir do estudo do texto ou da obra de um autor e não mais de seu contexto. Trata-se de estudar menos os referentes ou as referências de que o texto se nutre e mais as imagens e significações que ele produz, não uma geografia real mas sim uma geografia mais ou menos imaginária. Como já nos advertiu um escritor que também é geógrafo: « Não

³⁰ «la géographie proustienne est une géographie toute psychologique, et même toute subjective et impressionniste»

³¹ Franco Moretti, *Atlas du roman européen (1800-1900)*, Paris, Éditions du Seuil, 2000 (abreviado como ARE), p. 9.

³² «lié au lieu»

³³ Uma apresentação desse projeto está disponível na internet, no endereço : www.literaturatlas.eu/index.html

existe nenhuma coincidência entre a planta de uma cidade que consultamos num folheto e a imagem mental que nos surge, na menção de seu nome, no sedimento deixado na memória por nossas caminhadas cotidianas.»³⁴.

O termo *geocrítica* foi criado, na França, por Bertrand Westphal, que lhe dá uma acepção um pouco diferente e mais específica³⁵. Essa nova abordagem crítica é motivada, no seu ponto de vista, pelo aumento de interesse, na literatura contemporânea, pelo tema geográfico, o que atesta um certo «retorno do real na literatura»³⁶ após um período formalista³⁷, mas também pela importância crescente de que se reveste, hoje, o espaço na filosofia, sobretudo em Deleuze et Guattari, a que nomeiam uma «geofilosofia»³⁸. Bertrand Westphal inspira-se neles em relação à dialética entre territorialização e desterritorialização para «repensar a ligação entre os espaços humanos e a literatura.»³⁹. Considera a interação entre espaço real e representações do espaço: o referente espacial de um texto é já ele próprio carregado, em parte, de referências literárias. Isso o conduz a valorizar os «espaços imaginários» e as múltiplas relações possíveis que eles mantêm com os lugares reais. Entretanto, ele parece limitar o estudo das «representações do espaço na literatura» ao da «representação mediada por um referente espacial (realnema) e/ou geográfico»⁴⁰.

O método consiste em escolher um lugar pleno de história e de cultura, para comparar as diferentes imagens dele propostas por escritores diversos, e assim explorar uma espécie de memória literária. Essa abordagem comparatista está presa ainda a uma ancoragem referencial, embora Bertrand Westphal se defenda disso, sublinhando que a literatura participa da construção do próprio lugar, que acaba sendo lido como um texto. Mas ele reconhece que a literatura «aplica-se mal aos espaços imaginários» e «ao estudos de um único texto, ou de um único autor.»⁴¹. Westphal opõe a geocrítica, que deve ser «geocentrada», a uma crítica «egocentrada». Ora, o essencial da representação literária do espaço não residirá precisamente na construção de um universo imaginário o qual deriva do ponto de vista de um sujeito e de uma composição de texto? Ainda que não seja necessário negligenciar a contribuição do referente geográfico, do contexto e do intertexto, a representação literária é uma «ego-geografia»⁴² e uma «composição de lugar»⁴³, uma construção semântica e formal singular, que supõe, para ser compreendida, o ponto de vista de um outro sujeito, isto é, uma leitura crítica.

É, por isso, que acredito ser sempre fecundo abordá-la como uma *paisagem*, ou seja, referindo-me à definição mais geral do termo, a qual ensina que a paisagem não é só um recanto do mundo, mas uma certa imagem dele, elaborada a partir do ponto de vista de um sujeito, seja um artista ou um simples observador. Apoio-me igualmente na acepção mais específica que Jean-Pierre Richard dá a esse termo, e que oferece uma perspectiva interessante,

³⁴ «il n'existe nulle coïncidence entre le plan d'une ville dont nous consultons le dépliant et l'image mentale qui surgit en nous, à l'appel de son nom, du sédiment posé dans la mémoire par nos vagabondages quotidiens» Julien Gracq, *La Forme d'une ville*, Paris, Corti, 1985, p. 2-3.

³⁵ Ver a obra fundadora, *La Géocritique mode d'emploi*, sous la direction de Bertrand Westphal, Presses universitaires de Limoges, 2000.

³⁶ «le retour du réel en littérature»

³⁷ Bertrand Westphal, *La Géocritique: réel, fiction, espace*, Éditions de Minuit, 2007, p. 152.

³⁸ Ver «Géophilosophie», dans *Qu'est-ce que la philosophie ?*, Paris, Éditions de Minuit, 1991, p. 82-108.

³⁹ «repenser le lien entre espaces humains et littérature». *La Géocritique*, op. cit., p. 17.

⁴⁰ «représentations de l'espace en littérature» ao da «représentation médiée d'un référent spatial (réalème) et/ou géographique» *Le Rivage des mythes. Une géocritique méditerranéenne. Le lieu et son mythe*, sous la direction de Bertrand Westphal, Presses universitaires de Limoges, 2001, p. 7.

⁴¹ «s'applique mal aux espaces imaginaires» et à «l'étude d'un seul texte, ou d'un seul auteur» *La Géocritique*, op. cit., p. 39.

⁴² Tomo emprestada a expressão de Jacques Lévy (Ver *Egogéographie. Matériaux pour une géographie cognitive*, Paris, L'Harmattan, 1995).

⁴³ Tomo emprestada a expressão de Ignace de Loyola, quando designa a criação dum lugar mental favorável à oração.

muito frequentemente negligenciada, para ler as representações literárias do espaço e construir uma autêntica *geocrítica*. Como já a apresentei em detalhe em outro momento⁴⁴, limito-me agora a lembrar os elementos e as implicações essenciais para meu propósito aqui. Nos trabalhos de Richard, a palavra *paisagem* não designa evidentemente o ou os lugares onde um escritor viveu ou conheceu em viagem e que pôde descrever em sua obra, mas uma certa imagem de mundo, intimamente ligada a seu estilo e à sua sensibilidade: não tal ou tal referente, mas um conjunto de significados e uma construção literária. A «paisagem de Chateaubriand», por exemplo, não se reduz nem aos desertos da América nem às charnecas de Combourg; trata-se de uma imagem mais complexa e compósita, que toma emprestado alguns traços a certos lugares que Chateaubriand pôde frequentar na sua vida, nos livros e nas pinturas, mas que resulta de sua reelaboração pelo imaginário e pela escritura⁴⁵.

A composição de tal paisagem imaginária é para Richard inseparável da do texto. Ele nos convida a ler na paisagem literária não apenas uma imagem de lugares ou um imaginário de espaço, mas uma configuração recíproca do mundo e da obra. Ele também se preocupou em aproximar fortemente a análise temática e a estilística: à configuração da paisagem responde o uso de figuras de estilo privilegiadas. Uma geocrítica sensível à dimensão propriamente literária das representações do espaço deve buscar, como o faz Richard, estabelecer uma correspondência entre «página» e «paisagem»⁴⁶. Isso significa que a geocrítica desemboca numa geopoética.

Geopoética

O termo geopoética parece-me suscetível de designar ao mesmo tempo uma *poética*, ou seja, um estudo das formas literárias que configuram a imagem dos lugares, e uma *poiética*: uma reflexão sobre os liames que unem a criação literária ao espaço. É esse segundo aspecto que foi privilegiado pelos criadores da palavra em francês, no caso, dois poetas, Michel Deguy⁴⁷, que a esboçou, et Kenneth White, que foi mais longe na defesa e ilustração dessa noção, ao propor no seu *Le Plateau de l'Albatros* uma *Introduction à la Géopoétique*⁴⁸.

A cultura, segundo Kenneth White, «tem como base a relação entre o espírito humano e a terra; a cultura é o desenvolvimento dessa relação sob os planos intelectual, sensível e expressivo.»⁴⁹. Ora, a civilização moderna parece ter perdido essa base, que é necessário reconquistar para reconstruir um mundo habitável. A literatura pode contribuir para isso desde que não se encerre na «clôture du texte»⁵⁰: ela não é, para White, apenas uma arte da linguagem, como foi sustentado nos anos 1970 com o textualismo e o formalismo, mas implica uma visão de mundo e demanda

⁴⁴ Ver «Paysage et critique littéraire », dans *Paysage et poésie*, op. cit., p. 177-189.

⁴⁵ Ver *Paysage de Chateaubriand*, Paris, Éditions du Seuil, 1967.

⁴⁶ Ver *Pages Paysages*, Paris, Éditions du Seuil, 1984.

⁴⁷ «Longtemps j'ai cru que certaines choses en leur agencement, disons certains lieux, faisaient parabole [...] qu'une sorte de 'géo-poétique', connaissance des vallées de la terre allaient (sic) être possibles » (*Actes*, Paris, Gallimard, 1966, p.

⁴⁸ Obra publicada em Grasset em 1994.

⁴⁹ «a pour base le rapport entre l'esprit humain et la terre, elle en constitue le développement sur les plans intellectuel, sensible et expressif ». Definição retomada em textos de referência no site Archipel do Instituto Internacional de Geopoética (www.geopoetique.net).

⁵⁰ Visão formalista de entender e analisar o texto literário, considerando apenas sua estrutura textual, daí a ideia de «clausura do texto»

«uma poética posmoderna, isto é, nem do eu, nem da palavra, mas do mundo»⁵¹. A concepção da geopoética que o escritor busca promover é amplamente aberta; ultrapassa o campo da poesia e da literatura para visar a criação de um «novo espaço cultural», que reúne as artes, as ciências e a filosofia.

Contudo, pode-se dar à geopoética uma definição mais estritamente literária, que será o estudo das relações entre as representações do espaço e as formas literárias, tal como é esboçado, por exemplo, no livro já citado de Franco Moretti. Encontra-se aí, especificamente, afirmações bem interessantes sobre a correspondência entre o quadro genérico e o quadro espacial «Cada gênero tem a sua geografia – quase sua geometria.»⁵² (ARE, p.208). Moretti sugere que as características formais de uma obra configuram a imagem dos lugares que ela propõe: «formas diferentes habitam espaços diferentes.»⁵³ (ARE, p.43); e que, reciprocamente, os lugares eleitos pela ficção influenciam a escrita: «as escolhas estilísticas estão ligadas ao posicionamento geográfico. O espaço age sobre o estilo []. O espaço e as figuras se mesclam»⁵⁴ (ARE, p.52). Agem mesmo sobre o conteúdo da narrativa: «cada espaço determina, ou ao menos encoraja, um tipo de história diferente [] No romance moderno, o que se produz depende estreitamente da localização onde a narrativa se desenvolve.»⁵⁵ (ARE, p.83).

A importância crescente da temática espacial é inseparável da evolução recente das formas e gêneros literários, como foi sugerido, desde 1945, por Joseph Frank⁵⁶. No domínio da poesia, por exemplo, desde Mallarmé, vê-se uma espacialização do texto que, saindo do quadro imposto pela versificação regular, explora o espaço da página em todos os sentidos e em todas as dimensões, induzindo a um novo tipo de leitura que não siga necessariamente o curso linear da frase ou do verso, mas permite aproximações entre termos tipográfica e sintaticamente distantes: o leitor percebe as palavras «independentemente da sequência ordinária, projetadas na parede da caverna»⁵⁷.

Considera-se muitas vezes que o poema se dá ele mesmo a ver mais que ao próprio mundo⁵⁸. Mas essa conquista de espaço tipográfico me parece frequentemente inseparável de uma abertura ao espaço planetário, mesmo interplanetário: ela é evidente nas «palavras em liberdade» futuristas e em certos caligramas de Apollinaire⁵⁹; mas ela já estava presente no próprio Mallarmé, que tentou, segundo Valéry, levar «uma página à altura do céu estrelado.»⁶⁰ em seu célebre *Coup de dés*, cujas últimas páginas são pontuadas por estas palavras, inscritas em versal: «RIEN N'AUROU EU LIEU QUE LE LIEU / EXCEPTÉ PEUT-ÊTRE UNE CONSTELLATION».

Essa espacialização do discurso poético leva a criação a uma forma nova, que não é nem a prosa nem o verso, mas uma escrita espaçada sobre a página em prol de um dispositivo indefinida-

⁵¹ «une poétique post-moderne, c'est-à-dire ni du moi, ni du mot, mais du monde». Le Plateau de l'Albatros, op. cit., p. 200 52 «Chaque genre littéraire a sa géographie – sa géométrie presque»

⁵³ «des formes différentes habitent des espaces différents» 54 «des choix stylistiques sont liés à la position géographique : l'espace agit sur le style [...]. L'espace et les figures s'entremêlent»

⁵⁵ «chaque espace détermine, ou tout au moins, encourage, un type d'histoire différent[...]. Dans le roman moderne, ce qui se produit dépend étroitement de l'endroit où cela se passe»

⁵⁶ Joseph Frank, « La forme spatiale dans la littérature européenne » (1945), traduction française dans Poétique, n°10, Paris, Éditions du Seuil, p. 244-266.

⁵⁷ «indépendamment de la suite ordinaire, projetés en paroi de grotte». Mallarmé, «Le Mystère dans les Lettres», Œuvres complètes, Bibliothèque de la Pléiade, tome II, Paris, Gallimard, 2003, p. 233.

⁵⁸ É a interpretação que Christine Baron retoma.

⁵⁹ Ver por exemplo « Lettre-Océan », dans Calligrammes, Œuvres poétiques, Bibliothèque de la Pléiade, Paris, Gallimard, 1965, p. 183, où le déploiement du texte dans tous les sens sur la page est très évidemment en rapport avec la possibilité de communiquer d'un continent à l'autre.

⁶⁰ «une page à la hauteur du ciel étoilé». Paul Valéry, «Le Coup de dés», Œuvres complètes, Bibliothèque de la Pléiade, tome I, Paris, Gallimard, 1957, p. 626.

mente variável. Essa espacialização distende ligações sintáticas, lógicas e cronológicas entre as partes do enunciado e concorre para o divórcio entre poesia e narrativa, amiúde proclamado desde Mallarmé⁶¹. Ora, essa crise da narrativa é encontrada também na prosa, que concede, ela também, cada vez mais importância à temática espacial e à inspiração geográfica. É o caso especialmente da narrativa poética, que rompe com o esquema linear da narração, e por vezes com a própria narração, para dar um lugar importante e, às vezes, dominante à descrição. Neste caso as personagens tendem a perder sua autonomia em proveito de uma presença invasora da paisagem, tornada elemento principal e não mais simples cenário⁶².

Um dos exemplos mais célebres e mais emblemáticos dessa tendência é o de Julien Gracq, escritor-geógrafo, em cujos romances a expansão da descrição não cessa de retardar ou mesmo de deslocar a narrativa até finalmente suprimi-la. Após quatro romances, Gracq, a partir dos anos 1970, não publicou mais que relatos inconclusos, evocações autobiográficas e recolhidas de fragmentos nos quais a inspiração geográfica ocupa um lugar predominante⁶³. Uma evolução comparável pode ser constatada em outros romancistas contemporâneos, em particular em Michel Butor, que abandonou o romance um pouco depois ou ao mesmo tempo que Gracq, em prol de obras que exploram cada vez mais intensamente o espaço do planeta e o da página e do livro, colocados sob o signo do «Gênio do lugar»⁶⁴.

Muitas das narrativas contemporâneas se apresentam como «narrativas do espaço», à semelhança dos textos emblemáticos de Georges Perec⁶⁵. Em algumas, a trama narrativa se reduz a um percurso espacial, como em *Paysage fer* de François Bon, que segue o trajeto efetuado cada semana pelo autor entre Paris e La Lorraine⁶⁶. Isso ocorre mesmo em obras que se apresentam como «romances», por exemplo os de Le Clézio, que vê em *Le Livre des fuites* «uma tentativa de descobrir o espaço.»⁶⁷, ou os de Jean Echenoz, que diz escrever «romances geográficos»⁶⁸. E quando Pierre Bergounioux relata sua infância, é através da evocação dos lugares que conheceu, realizando assim uma verdadeira autobiogeografia⁶⁹.

O espaço parece portanto aproveitar a crise da narrativa e da psicologia tradicional para ocupar um lugar crescente na ficção contemporânea. Trata-se, sem dúvida, da tradução literária de fenômenos mais amplos frequentemente considerados como característicos da era posmoderna: a «morte do Sujeito» e o «fim da História». Porém, o inconveniente dessas fórmulas é que elas são unicamente negativas, como o próprio adjetivo posmoderno; seria melhor falar do fim de uma certa concepção de sujeito e de História, e o surgimento de uma nova visão do mundo e do homem.

⁶¹ Ver Dominique Combe, *Poésie et récit: une poétique des genres*, Corti, 1989.

⁶² Ver Jean-Yves Tadié, *Le Récit poétique*, Paris, PUF, 1978.

⁶³ Ver notadamente *La Presqu'île, Les Eaux étroites, La Forme d'une ville, Carnets du grand chemin*, parus chez Corti en 1970, 1976, 1985 et 1992.

⁶⁴ *Le Génie du lieu*, Grasset, 1958 ; II : *Où*, ; III : *Boomerang*, ; IV : *Transit A / Transit B* ; V : *Le Génie du lieu, Cinquième et dernier, autrement dit Gyroscope*, Paris, Gallimard, 1971, 1978, 1992, 1996.

⁶⁵ Voir notadamente *Espaces d'espaces*, Paris, Galilée, 1974.

⁶⁶ François Bon, *Paysage fer*, Lagrasse, Verdier, 1999. (NT : La Lorraine é uma região no nordeste da França.)

⁶⁷ «une tentative pour découvrir l'espace» . Jean-Marie Gustave Le Clézio, *Le Livre des fuites*, Paris, Gallimard, 1969.

⁶⁸ Ver notadamente *Je m'en vais*, Paris, Éditions de Minuit, 1999.

⁶⁹ Ver por exemplo *Un peu de bleu dans le paysage*, Lagrasse, Verdier, 2001.

O questionamento da soberania do Sujeito cartesiano, capaz de se conhecer pelo ato da reflexão, mestre de si como do universo, leva, por exemplo, na fenomenologia, a uma redefinição da consciência como «ser no mundo», e desde aí, a «res cogitans» não mais se opõe à «res extensa» como uma pura interioridade a um exterior indiferente: ela se espacializa tanto quanto se temporaliza⁷⁰. A promoção do espaço na poesia e na narrativa contemporâneas não significa portanto uma desumanização ou um objetivismo radical. Ela pode estar ao serviço de uma redefinição do sujeito lírico ou do personagem, tornados inseparáveis da paisagem que os envolve⁷¹.

De outro lado, a crise do modelo histórico que havia prevalecido no Ocidente, fundado sobre uma progressão, mesmo um progresso linear e contínuo da atividade humana, dá sua chance a uma nova concepção de história, uma «geo-história», que integra as relações das sociedades humanas a seu meio-ambiente, e que explora a longa duração e seus ciclos, confrontando-os aos ciclos naturais. As paisagens que invadem a ficção contemporânea recontam à sua maneira a história dos homens e da sociedade. A «paisagem de ferro» descrita por François Bon, por exemplo, é a da região La Lorraine confrontada com o declínio da siderurgia; e seu «cenário cimento» reflete a crise dos subúrbios⁷².

Essa constatação e essas reflexões poderiam desembocar numa *poiétique*, uma teoria da criação literária. Tratar-se-ia de compreender por que o espaço pode ser fonte não somente de inspiração, mas de invenção de novas formas. Isso não tem nada de evidente para muitas mentes, presas a uma concepção da escrita como atividade essencialmente espiritual a se situar na esfera da interioridade. Para Blanchot, por exemplo, o «espaço literário» é um espaço à parte, o qual é reservado à escrita e não tem nada a ver com o mundo exterior⁷³. Uma geopoética supõe uma outra concepção da atividade literária tendo como base a hipótese de uma solidariedade entre a *res cogitans* e a *res extensa*. A escrita é uma forma de espacialização do sujeito, que tem a necessidade de se exprimir, de se projetar no espaço: o da página e o da paisagem. Ela postula também uma certa continuidade entre a experiência do espaço e a linguagem: «Existe», escrevia Genette, «entre as categorias da linguagem e as da extensão uma espécie de afinidade que faz que, em todas as épocas, os homens tomem emprestado ao vocabulário espacial termos destinados às aplicações as mais diversas.»⁷⁴

As metáforas espaciais que impregnam nossos discursos a propósito de tudo não são necessariamente um signo da impotência ou da decadência de nosso pensamento, como Bergson sustentava, mas a prova de que ele precisa do apoio do espaço para se estabelecer e se exprimir. Renovando-as, a literatura contribui para a renovação do espírito e da condição humana; elas são para uma geopoética e uma geocrítica um objeto de estudo privilegiado.

⁷⁰ Ver meu artigo sobre «La pensée paysage», dans *Le paysage : état des lieux*, textes réunis par M. Collot, F. Chenet et B. Saint Girons, Bruxelles, Ousia, 2001, p. 498-511

⁷¹ Ver minhas reflexões sobre «L'espace du sujet», dans *Paysage et Poésie*, op. cit., p. 43-64. ⁷² François Bon, *Décor ciment*, Éditions de Minuit, 1988.

⁷³ Ver *L'Espace littéraire*, Paris, Gallimard, 1955.

⁷⁴ «entre les catégories du langage et celles de l'étendue une sorte d'affinité, qui fait que de tous temps les hommes ont emprunté au vocabulaire spatial des termes destinés aux applications les plus diverses». Gérard Genette, «Espace et langage», *Figures I*, Seuil, 1966, p. 101-108.

do, demonstrando que o espaço não é, para os escritores, somente un cenário exterior, mas a expressão de valores e de significações de seu imaginário mais íntimo, portador de um potencial considerável de invenção linguística e formal.

Abstract

An enquiry into the assumptions, implications and methods of a literary geography, revealing the productivity of this research area. Interdisciplinary relationships around the landscape, description and discussion of its main critical-theoretical routes, such as geocritics and geopoetics. Space, in literary writing, such as expressions of value and meanings of an imaginary, carrier of a considerable potential of linguistic and formal invention. Space, representations and perceptions as criteria for a scientific paradigm shift.

Keywords: *literary geography; Interdisciplinary relationships; geocritics; geopoetics*

REFERÊNCIAS

- APOLLINAIRE. *Calligrammes, Euvres poétiques*, Paris, Gallimard, coll. «Bibliothèque de la Pléiade», 1965.
- BACHELARD, Gaston. *La Poétique de l'espace*, Paris, PUF, 1957.
- BEAUREPAIRE-FROMONT, P.de. *Esquisse d'une géographie littéraire de la France*, en annexe à CHARLES-BRUN, J., *Les Littératures provinciales*, Paris, Bloud et C^{ie}, 1907, p.69-80.
- BEGUIN, François. *La Construction des horizons: nature, lieux, paysages dans la littérature et la géographie*, Paris, EHESS, 1991.
- BLANCHOT. Maurice. *L'Espace littéraire*, Paris, Gallimard, 1955.
- BON, François. *Paysage fer*, Lagrasse, Verdier, 1999.
- _____. *Décor ciment*, Paris, Éditions de Minuit, 1988.
- BOULOUMIÉ, Arlette; TREVISANI-MOREAU, Isabelle (Dir.). *Le génie du lieu. Des paysages en littérature*. Paris, Imago, 2005.
- BRAUDEL, Fernand, «Géohistoire: la société, l'espace, le temps», dans *Les Ambitions de l'Histoire*, Paris, De Fallois, coll.«Le Livre de Poche références», 1997.
- BROSSEAU, Marc, *Des romans géographes*, Paris, L'Harmattan, 1996.
- COLLOT. Michel. «Petit discours sur les méthodes» dans *La Traversée des thèses*, Paris, Presses Sorbonne nouvelle, 2005.
- _____. *Paysage et Poésie*, Paris, José Corti, 2005.

_____, «La pensée paysage», dans *Le Paysage : état des lieux*, textes réunis par M.Collot, F.Chenet et B.Saint Girons, Bruxelles, Ousia, 2001, p.498-511.

COMBE, Dominique. *Poésie et récit: une poétique des genres*, Paris, José Corti, 1989.

CORBIN, Alain. *L'Occident et le Désir de rivage*, Paris, Aubier, 1988.

DE CERTEAU, Michel.«Récits d'espace», dans *L'Invention du quotidien*, 1, Paris, Gallimard, 1990, coll.«Folio Essais».

DEGUY, Michel. *Actes*, Paris, Gallimard, 1966.

DELEUZE, Gilles et GUATTARI, Félix. «Géophilosophie», dans *Qu'est-ce que la philosophie?*, Paris, Éditions de Minuit, 1991.DUPOUY (Auguste), *Géographie des lettres françaises*, Paris, Armand Colin, 1942.

«Écrire le paysage», *Revue des Sciences humaines*, n°209, janvier-mars 1988.

FERRE, André, *Géographie littéraire*, Paris, Éditions du Sagittaire, 1946.

_____. *Géographie de Marcel Proust*, Paris, Le Sagittaire, 1939.

FRANK, Joseph. «La forme spatiale dans la littérature européenne» (1945), traduction française dans *Poétique*, n° 10, 1976, p.244-266.

GENDRAT-CLAUDEL, Aurélie. *Le Paysage, « fenêtre ouverte » sur le roman : le cas de l'Italie romantique*, Paris, Presses de l'université de Paris-Sorbonne, 2007.

GENETTE, Gérard. «Espace et langage», *Figures I*, Paris, Éditions du Seuil, 1966, p.101-108.

GRACQ, Julien. *La Forme d'une ville*, Paris, José Corti, 1985.

LA BRUYERE, *Les Caractères*, IV, *Du cœur*, Paris, Le Livre de poche, 1995.

LACOSTE, Yves. *Paysages politiques*, Paris, Le Livre de poche, coll.«Biblio Essais», 1990.

LANSON, Gustave. «Programme d'études sur l'histoire provinciale de la vie littéraire en France», *Études d'histoire littéraire*, Paris, Champion, 1930.

LE CLEZIO, Jean-Marie Gustave. *Le Livre des fuites*, Paris, Gallimard, 1969.

LEVY, Jacques. *Egogéographie: matériaux pour une biographie cognitive*, Paris, L'Harmattan, 1995.

La littérature dans tous ses espaces, sous la dir.de CHEVALIER, Michel. Paris, Éditions du CNRS, 1993.

MALLARME, «Le Mystère dans les Lettres», *Œuvres complètes*, Paris, Gallimard, coll.«Bibliothèque de la Pléiade», t.II, 2003.

MORETTI, Franco. *Atlas du roman européen (1800-1900)*, Paris, Éditions du Seuil, 2000.

«Nouvelles géographies», *Le Débat*, n°92, nov.-déc. 1996.

«Paysages» (I/II/III), *Compar(a)ison*, Bern-Berlin-Bruxelles-Frankfurt am Main-New York-Oxford-Wien, Peter Lang, 1999-2000.

Le Paysage dans la littérature italienne, sous la dir.de Giuseppe Sangirardi, Dijon, Éditions universitaires de Dijon, 2006.

PEREC, Georges. *Espèces d'espaces*, Paris, Galilée, 1974.

PROUST, Marcel. «Du côté de chez Swann», *À la recherche du temps perdu*, Paris, Gallimard, coll.«Bibliothèque de la Pléiade», t I, 1987.

RICHARD, Jean-Pierre. *Pages Paysages*, Paris, Éditions du Seuil, 1984.

_____. *Paysage de Chateaubriand*, Paris, Éditions du Seuil, 1967.

SCHAMA, Simon. *Le Paysage et la Mémoire*, Paris, Éditions du Seuil, 1999.

TADIE, Jean-Yves. *Le Récit poétique*, Paris, PUF, 1978.

Territoires rêvés, sous la dir.de ZAYAS (Elena), Presses universitaires d'Orléans, 2004

VALERY, Paul. «Le Coup de dés», *Œuvres complètes*, Paris, Gallimard, coll.«Bibliothèque de la Pléiade», t.I, 1957.

WESTPHAL, Bernard. *La Géocritique: réel, fiction, espace*, Paris, Éditions de Minuit, 2007.

_____. (dir.). *Le Rivage des mythes. Une géocritique méditerranéenne. Le lieu et son mythe*, Presses universitaires de Limoges, 2001.

_____. (dir.). *Géocritique mode d'emploi*. Limoges, Presses universitaires de Limoges, 2000.